



## PESCA PREDATÓRIA NO RIO ITAPECURU: UMA AMEAÇA À BIODIVERSIDADE NO MUNICÍPIO DE ITAPECURU-MIRIM

**Tiago de Oliveira Ferreira**

Universidade Estadual do Maranhão - São Luís-MA, Brasil

E-mail: tiagouemanet2018@gmail.com

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo explicar as principais práticas danosas, quanto a temática da pesca praticada nas águas do rio Itapecuru, dentro dos limites do município de Itapecuru Mirim. Abordando desde os aspectos geográficos de toda a bacia, como os principais igarapés, que fazem parte da área geográfica delimitada. Nesse contexto ressalta-se as consequências e as possíveis soluções para amenizar tão desastrosa ação, que é a perda de tanta biodiversidade.

**Palavras-chave:** Itapecuru; Pesca; Rio;

### PREDATORY FISHING IN THE ITAPECURU RIVER: A THREAT TO BIODIVERSITY IN THE MUNICIPALITY OF ITAPECURU-MIRIM

#### ABSTRACT

*This article seeks to explain the main harmful practices, regarding the theme of fishing practiced in the waters of the river Itapecuru, within the limits of the municipality of Itapecuru Mirim. Approaching from the geographical aspects of the entire basin, such as the main streams, which are part of the delimited geographical area. In this context, the consequences and possible solutions are highlighted to alleviate such disastrous, which is the loss of so much biodiversity*

**Keywords:** Itapecuru; Fishing; Fish;

## 1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, necessariamente, será enfatizado a parte específica do município de Itapecuru-Mirim, que possui algo em torno de 40km de curso d'água do Itapecuru. Num perímetro, que fica compreendido entre a foz do Igarapé Jundiáí e a foz do Ipiranga, onde ocorre os principais tipos de pesca predatória, que serão abordados neste artigo.

Antes é necessário trazer a lume algumas informações sobre a bacia do Itapecuru. Esta possui aproximadamente 54.970 km<sup>2</sup> e uma extensão de mais de 1.050 km de comprimento. O Itapecuru é o maior rio, em extensão do Maranhão e o terceiro maior do Nordeste, atrás apenas do São Francisco e Parnaíba, sua nascente está localizada na região sul do Maranhão no município de Mirador (dentro do Parque Estadual do Mirador, que foi criado pelo Decreto Governamental nº 7.641, de 4 junho de 1980 no Governo de João Castelo, cuja área aproximada é de 500 mil hectares) num conjunto de serras formado pela Crueira, Itapecuru e Alpercatas numa elevação, que fica a 530m de altitude. De acordo com Oliveira (2016, p. 21): “sua foz está localizada na região norte, no município de Rosário, onde as águas são lançadas na baía do Arraial a sudeste da Ilha de São Luís, por dois braços denominados Tucha e Mojó”.

Inicialmente seu curso segue a direção oeste-leste, após uns 50 km de curso segue na direção da confluência com o Alpercatas no município de Colinas. Para, Oliveira (2016, p. 22): “após receber as águas do Alpercatas segue no sentido nordeste, mantendo este sentido, até a foz do Correntes, a partir deste lugar, muda o curso para o noroeste, vagueando até Caxias, quando vai manter a direção sul-norte até a sua foz”.

A sua bacia como acontece com todos os grandes rios recebe vários cursos d’água, sobre este assunto ao contrário de apenas citar nome, trarei algumas informações sobre estes afluentes retiradas do MAPA POLÍTICO DO ESTADO DO MARANHÃO (IBGE, JAN. 2010), corroboradas com visitas nestes locais, além de outras literaturas, como Marques (2008) e Oliveira (2016, p. 23).

Igarapé do Ipiranga nasce no povoado Santa Rita, no município de Itapecuru-Mirim, deságua na margem direita do Itapecuru, após percorrer aproximadamente 30 km.

Igarapé Itapecuruzinho nasce nas proximidades do Povoado São Sebastião em Itapecuru-Mirim e deságua na margem direita do Itapecuru, nas proximidades do povoado Barriguda no mesmo município, após percorrer algo em torno de 16 km.

Igarapé Riachão nasce nas proximidades do povoado Cajueiro no município de Itapecuru-Mirim e após percorrer mais de 20 km deságua na margem direita do Itapecuru.

Todos estes igarapés citados já foram muito ricos em peixes e suas matas abrigavam grande variedade de vida, além de funcionarem como um grande sistema de captação de água para o rio Itapecuru, porém se encontram tão ameaçado quanto o mesmo; pois enfrenta os mesmos problemas. Uma das funções dos afluentes é irrigar o rio continuamente e com a morte destes, o rio já não consegue mais manter o seu volume de água, por isso para salvar o Itapecuru deve-se salvar também os seus afluentes.

Sobre os peixes, inicialmente, é necessário enfatizar a quase extinção de dois peixinhos, a Pataca (*Tetragonopterus argenteus* - Cuvier, 1816) e a Pititinga (*Engraulis encrasiocolus*), que habitam essencialmente o leito do rio só sendo encontrados em seus igarapés próximo da foz dos mesmos e durante as cheias. Estes peixes de pe-

queno porte são fundamentais para a vida existir no rio, por habitarem a região que chamamos de flor d'água se alimentam de quase tudo que cai na água, tais como: insetos, larvas, matérias em decomposição e por isso servirão de alimento para os peixes maiores e para as garças, socós, martins – pescadores etc.

Por isso, o desaparecimento de tais indivíduos trará consequências irreversíveis ao ambiente em foco. Para minha pessoa falar dos peixes do Itapecuru e manter o distanciamento necessário de autor, foi impossível, pois por vezes fiz minhas refeições embaixo de árvores na sua margem, servindo-me de toda a sua variedade e apreciando o sabor do melhor peixe do Maranhão e ver que atualmente os poucos que ainda são capturados sequer podem ser ingeridos devido ao gosto ruim da poluição que já entranhou em sua carne.

Outras espécies, que já foram comuns e abundantes nas águas do Itapecuru, que são, a saber: Curimatá, Piranha Branca (Pirambeba), Caranbanja e Sarapó. Contudo, a população de peixes não só das espécies acima como de todas está seriamente ameaçadas de extinção no rio, sendo que outras já foram extintas, por várias razões uma delas é que os verdadeiros donos da ribeira do Itapecuru não povoam mais suas margens, e se o rio Itapecuru ainda fosse cercado de aldeias talvez sua realidade fosse outra. Principalmente, no que se refere à população de peixes seria mais abundante em virtude da consciência ecológica dos indígenas, que exerciam a atividade pesqueira apenas com o intuito de prover o seu sustento, sem objetivar lucro, já que, estes não comercializavam o mesmo e capturavam os que estavam propícios para a sua alimentação. Veja o que diz César Marques em seu - Dicionário Histórico e Geográfico da Província do Maranhão:

Em 14 de setembro de 1869 foi pescado com muita dificuldade um grande peixe chamado Espadarte (*Pristis perotteti*), na volta do *Curimatá*, no lugar denominado *Croeiras*, perto da *Vila do Rosário*, para onde foi conduzido e aí retalhado. Tinha 28 palmos de comprimento da cauda a ponta da espada e 12 de largura. Admirava o ser conduzido n'água doce, e longe da foz d'este rio (MARQUES, 2008, p. 670)

Este fato vem mostrar o nível de preservação em que ainda se encontrava o rio, no final do século XIX e início do XX. É claro que o sumiço dos índios da ribeira em tela não o único motivo da extinção dos peixes do dito Rio. Já que, os relatos de pescadores ribeirinhos e alguns textos históricos dão conta de uma grande variedade e abundância de peixes vivendo em suas águas, mesmo até meados das décadas de 50, 60, 70 e até 80 do século XX, momento que a população ribeirinha aumentou drasticamente nas suas margens sem planejamento, levando a um crescimento desordenado das cidades e um consumo vertiginoso dos seus recursos, tais como: caças, água, terras, madeiras além do impacto gigantesco na quantidade e variedades dos peixes do Itapecuru.

Veja esta crônica: Sexta Feira, 23 de janeiro de 1963 - Página 3. Correio do Nordeste. Crônica de Zuzu C. Nahuz - A Enchente de 19924.

Como me recordo de março de 1924, quando o Rio Itapecuru teve uma de suas maiores enchentes. As águas subiram assustadoramente tomando conta da estação da Estrada de Ferro e, ao lado da Cidade de Itapecuru até a Rua do Egito. Num domingo a tarde, papai resolveu levar seus familiares para um passeio de canoa, sob o comando do remador Vitor Almeida. Saimos as três horas da tarde e como me lembro da hora em que passamos dentro da estação do trem e que papai levantou a mão tocando a sineta.

Depois, viemos sobre as águas pela linha do bonde puxado a burros e ao chegarmos próximo a casinha do mencionado veiculo, uma caçoeira impediu nossa passagem obrigado-nos a fazer uma volta muito grande para regressarmos a nossa casa. Nessa mesma noite fomos a residência do Coronel Climaco Bandeira de Melo assistir uma pescaria de caniço e anzol, no próprio quintal daquele saudoso politico.

O velho Rodolfo pegou nessa noite muitos mandubés, mandis, anojados, curimatás, piaus, branquinhas e surubins. Nesse tempo, o Rio Itapecuru era muito piscoso e meu pai tinha duas redes de pescaria e quando voltavam do **Igarapé do Jundiá**, a varanda de nossa casa ficava lastrada de peixes de toda as qualidades. Uma cambada de mandubés que era o melhor peixe da época, custava dois mil reis e as piranhas, sarapós, tubis e os cascudos, meu genitor dava a pobreza. O peixe era tão abundante que dezenas de homens e mulheres o salgavam, para vender para Anajatuba e Vargem Grande. Dizem que as maiores enchentes do Rio Itapecuru foram em 1917 e 1924, quando a cidade foi transformada em calamidade pública.

Sobre o tema acima, moradores da cidade de Itapecuru Mirim contam que os pescadores traziam muitos peixes do igarapé Jundiá até meados da década de 80 do século XX, e que quando chegavam com as canoas anunciavam a sua chegada com um berrante e nos serviços de alto-falantes, que existiam na cidade, atualmente este fato só existe na lembrança.

Ligado a tudo isso temos, atualmente, outro grande problema que é a falta de consciência da sociedade e, principalmente, das entidades públicas, que não exercem sua função disciplinadora e reguladora, sobre as questões ambientais. Os relatos dos pescadores e documentos antigos mostram que infelizmente muitas espécies já foram extintas e as que ainda existem estão em número reduzido e não conseguem atingir o seu tamanho ideal para o consumo, já que, são capturadas prematuramente, por redes que possuem malhas cada vez menores e tantos outros métodos predatórios.

## 2. PESCA PREDATÓRIA NO ITAPECURU

Um dos principais motivos para a diminuição do número de peixes no bioma em foco é a pesca predatória, que acontece durante todo ano. Contudo, o período mais crítico é a desova (piracema), que coincide com a época da cheia do rio, pois, é nesta época que os peixes procuram os igarapés e a cabeceira do rio para a desova.

Garantindo assim, a criação de novos indivíduos. As principais formas de predação estão elencadas, abaixo:

### **Redes de remanso**

A margem do rio é constituída por pequenas enseadas, que faz com que o curso da água forme pequenos remansos (local onde a água parece não se movimentar), nestes lugares os pescadores costumam colocar suas redes à espera dos peixes, que utilizam a mansidão destas águas ou para subir o rio com maior facilidade ou para se alimentar, reproduzir e descansar por alguns períodos, tornando-se assim presas fáceis das redes de pesca (malhadeiras) com suas malhas cada vez menores. Quando eles não vão sozinhos são forçados a ir pelas batidas nas coivaras, que geralmente existem nestes locais e servem de proteção para os peixes.

### **Redes nas desembocaduras dos igarapés durante a piracema (cheias)**

Até a década de 80 do século XX era muito comum um tipo de pesca muito agressiva a reprodução dos peixes, que era conhecida como Rede de Rabo, neste caso era utilizada uma imensa rede com formato de um saco de coar café, similar a uma tarrafa, que era colocada na desembocadura dos maiores igarapés (afluentes do rio Itapecuru), para capturar os peixes que desciam das nascentes dos igarapés após a desova e como a malha era pequena, até mesmo os impróprios para a comercialização eram mortos. Este tipo de pesca impedia os peixes de retornar ao leito do rio. Segundo relatos do Pescador Raimundo Nonato Alves de cinquenta e nove (59) anos, Raimundo Ferreira Muniz de sessenta e quatro (64) anos, Raimundo de Assis já falecido, que pescaram por vários anos com este tipo de rede, elas também eram utilizadas durante a estiagem no leito do rio para capturar peixes nos pulsões ou lajeiros (formações rochosas muito comuns nos trechos próximos a foz do rio, que são constituídos principalmente de material sedimentar).

Atualmente, o tipo mais comum são as chamadas malhadeiras, redes de náilon, que também são colocadas nas desembocaduras (foz) dos igarapés e nos seus banhados (áreas alagadas por eles) durante as cheias impedindo que os peixes procriem, soma-se a isso a pesca com anzóis, barragens irregulares etc. formando um conjunto de fatores nocivos ao bioma em tela.

### **Tapagens nos igarapés**

Além das redes supracitadas e os anzóis os peixes enfrentam outro grave problema são as chamadas tapagens, métodos artesanais de pesca, provavelmente herdado dos indígenas e assimilado pelos pescadores. Este método consiste em literalmente tapar o leito dos igarapés com palhas de babaçus de uma margem a outra logo nas primeiras cheias impedindo os peixes até mesmo subirem, este sistema faz com que a água forme uma pequena represa, neste momento são feitos orifícios

(buracos) nas paredes das tapagens onde são colocados jequis (instrumentos com formato de funil feitos da tala do babaçu entrelaçado por cipó) por onde água passa, os mesmos funcionam como um filtro impedindo assim a passagem dos peixes.

Como as tapagens formam represas acima delas, a água passa pelos jequis com certa força, matando assim geralmente todos os peixes, que são aprisionados, tanto os que estão próprios para o consumo, como os impróprios, quem visitar um desses locais terá a ingrata oportunidade de visualizar grande quantidade de alevinos de todas as espécies possíveis, mortos.

### **Pesca de açoite (batida)**

Estas acontecem durante as marés a partir do Povoado Barriguda seguindo até a foz do rio, porque é praticada principalmente durante a maré, pois, esta comunidade ribeirinha pertencente ao município de Itapecuru-Mirim, está situada a menos de duzentos (200) quilômetros da foz do Itapecuru. Tal, proximidade permite que a força das marés inverta a corrente natural do mesmo, que ocorre do Sul para o Norte. Contudo, só ocorre nos meses da estiagem. Esta prática consiste em colocar as redes no instante em que as águas estão paradas. Os pescadores armam as redes, que por vezes margeiam o rio de lado a lado, e descem suas águas ficando a aproximadamente duzentos (200) metros das redes e em seguida começam bater na água com pedras, remos, varas e nados assustando os peixes, induzindo os mesmos a se dirigirem ao encontro das temidas malhadeiras, para os peixes um espetáculo de horrores; presenciei algumas vezes e até mesmo pratiquei, e infelizmente visualizei até o uso de foguetes na água.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para amenizar os casos acima temos programas como o Seguro Defeso do Governo Federal que garante o pagamento de quatro salários-mínimos aos pescadores cadastrados no programa durante a época de reprodução dos peixes (piracema) e que são de responsabilidade das colônias de pescadores fiscalizarem, mas que não funciona como devia. Pois, pela essência, os pescadores cadastrados deveriam atuar como fiscais no período da desova dos peixes e caso praticassem a pesca, que fosse apenas, em quantidades mínimas e se ela fosse ilegal deveriam ter os seus benefícios cancelados. Contudo, o que ocorre na prática é que existem pessoas cadastradas sem terem um único vínculo com as atividades pesqueiras, além do fato de, praticamente todas as beneficiadas, continuarem a manter a pescaria durante este período e o pior é que, a mesma ocorre de maneira predatória, tudo isso atrelado à falta de fiscalização por meio das colônias, Ministério Público, IBAMA, Secretarias Municipais e Estaduais de Meio Ambiente e pescadores que não respeitam o defeso e todo o tipo de descaso possível para com o rio; como exemplo temos a colônia de pescadores de Itapecuru-Mirim Z40 que foi fundada em 31 de maio de 1949 e atualmente conta com mil e duzentos (1.200) associados (até a conclusão deste texto, em dezembro de

2014), sendo que setecentos (700) já possuem sua carteira e recebem o benefício e os outros quinhentos (500) ainda estão no aguardo da mesma. Fazendo um parâmetro de como seria fundamental termos pescadores conscientes, vamos fazer um cálculo aproximado de quantos pescadores associados existem na bacia do Itapecuru, tomando como base este município e apenas as que são ribeirinhas ao rio. Contando, com municípios ribeirinhos e outros, que apenas fazem parte da bacia do Itapecuru, por serem cortadas por seus afluentes e por isso ter suas águas drenadas pelo outro ra “Jardim do Maranhão” (codinome do rio Itapecuru), somam mais de cinquenta (50). Multiplicando este número apenas por mil (1.000) teríamos algo entorno de cinquenta mil (50.000) fiscais permanentes do belo rio, agora imagine o impacto positivo que uma ação conjunta de tamanha população faria pelo rio.

Entretanto, não há de fato uma campanha de esclarecimento e conscientização sobre a finalidade do programa que é a proteção dos peixes no seu momento mais vulnerável. Muitos associados sequer são pescadores, sem contar no indício da existência de pescadores fantasmas e até mesmo aqueles que são cadastrados por trocas de favores eleitorais.

Outros problemas ambientais, só corroboram com o descaso, pois, tão necessário quanto preocupante para a preservação da biodiversidade deste rio é o projeto, que se desenvolve no povoado Areias, no município de Santa Rita. Desde a segunda metade dos anos 90 do século XX, que teve como precursor um senhor conhecido popularmente como João Tambaqui. Ele foi o responsável por toda esta expansão da piscicultura de peixes da bacia Amazônica em toda esta parte do Maranhão; vale salutar, que no povoado em tela, várias pessoas, que trabalharam com o mesmo também já constituíram suas próprias pisciculturas, para criação das matrizes de tambaquis e posteriormente desenvolvimento dos alevinos, neste processo retirando água do rio é claro. O benefício fica por parte da geração de renda para a região e a produção do alimento mais saudável que é a carne de peixe, para grande parte da população maranhense e até mesmo cidades do Piauí e Tocantins, que compram alevinos daquela região.

Os pontos negativos ficam por parte da devastação da mata ciliar para dar lugar aos tanques, o desvio de alguns cursos d'águas, ou seja, alguns igarapés são transformados em barragens para acumular água durante o período da estiagem impedindo alguns peixes de fazerem este trajeto durante a piracema, além de não permitir, que à água faça o seu curso natural; porém, talvez o mais preocupante é a inserção de novas espécies de peixes (tambaquis, pirarucus e tilapias) nas águas do Itapecuru, que vem acontecendo principalmente pelo rompimento de barragens onde as matrizes ficam alojadas e até mesmo durante a limpeza dos tanques, pois, os mesmos estão sempre perto de algum curso d'água ligado ao rio. Estas espécies invasoras já são constantemente capturadas por pescadores e por não fazerem parte deste bioma representam

uma grave ameaça, pois, não possuem predadores naturais além de poder se tornar, numa ameaça gigantesca para as poucas espécies, que ainda resistem.

## REFERÊNCIAS

CÉSAR, Marques Augusto. Dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão. / César Augusto Marques; notas e apuração textual de Jomar Moraes. 3ª ed. São Luís: Edições, AML, 2008.

NAHUZ. Zuzu C. Correio do Nordeste. 23 de janeiro de 1963 - Página 3.

MAPA POLÍTICO DO ESTADO DO MARANHÃO (IBGE, JAN. 2010).